

MELANCOLIA URBANA: REFLEXÕES BENJAMINIANAS PRESENTES NAS LETRAS DO ÁLBUM 'PURE HEROINE' DE LORDE

Tais Turaça Arantes

RESUMO

Neste artigo, a intenção é estabelecer uma relação metodológica entre a visão de Walter Benjamin sobre a melancolia na vida urbana, a partir de sua análise das cidades, e a representação dessa melancolia em três canções do álbum 'Pure Heroine' da cantora Lorde. As canções que compõem o corpus deste artigo são: Team, Buzzcut Season e Royals. A abordagem do artigo é qualitativa, que visa apresentar uma interpretação, análise e compreensão dos signos presentes nas letras utilizadas como corpus. Ao analisar as letras, busca-se traçar um paralelo entre a melancolia presente na vida urbana dentro do contexto capitalista, destacando como essas músicas refletem e dialogam com essa temática abordada por Benjamin. Os resultados das análises demonstraram que dentro das canções, o eu lírico está inserido em um cenário cultural e sociopolítico que fornece percepções sobre como suas músicas refletem não apenas a realidade urbana, mas também oferecem um retrato da vida para aqueles que não fazem parte da elite. As letras não apenas abordam a vida das pessoas fora da elite, mas também evidenciam como as cidades destacam e expõem as desigualdades sociais.

Palavras-chave: Melancolia. Vida Urbana. Benjamin. Lorde.

URBAN MELANCHOLY: BENJAMINIAN REFLECTIONS FEATURED IN THE LYRICS OF Lorde's ALBUM 'PURE HEROINE'

ABSTRACT

In this paper, the intention is to establish a methodological relationship between Walter Benjamin's vision of melancholy in urban life, based on his analysis of cities, and the representation of this melancholy in three songs from the album 'Pure Heroine' by singer Lorde. The songs that make up the corpus of this paper are: Team, Buzzcut Season and Royals. The approach of the article is qualitative, which aims to present an interpretation, analysis and understanding of signs present in the letters used as corpus. When analyzing the lyrics, we seek to draw a parallel between the melancholy present in urban life within the capitalist context, highlighting how these songs reflect and dialogue with this theme addressed by Benjamin. The results of the analyzes demonstrated that within the songs, the lyrical self is embedded in a cultural and sociopolitical scenario that provides insights into how their songs reflect not only urban reality, but also offer a portrait of life for those who are not part of the elite. . The lyrics not only address the lives of people outside the elite, but also highlight how cities highlight and expose social inequalities.

Doutora em Psicologia Social (UERJ). Brasileira, residente em Rio de Janeiro - RJ.

E-mail: taistania@gmail.com.

Keywords: *Melancholy. Urban life. Benjamin. Lord.*

Introdução

O presente artigo visa analisar e estabelecer uma relação metodológica entre a perspectiva de Walter Benjamin sobre a melancolia na vida urbana, focando em suas interpretações das cidades, e a expressão dessa melancolia em três músicas do álbum "Pure Heroine" de Lorde, com o propósito de entender como essas canções refletem e dialogam com a visão de Benjamin sobre a melancolia na vida urbana dentro do contexto capitalista. As músicas que compõem o corpus são: "Team", "Buzzcut Season" e "Royals".

Sendo assim, os objetivos específicos são: a) Realizar uma análise da abordagem de Walter Benjamin sobre a melancolia na vida urbana, destacando sua perspectiva em relação às cidades; b) Analisar as letras das canções selecionadas do álbum "Pure Heroine" de Lorde, buscando identificar elementos que representem a melancolia na vida urbana de pessoas que não pertencem a elite; c) Estabelecer paralelos entre os conceitos de melancolia urbana apresentados por Walter Benjamin e os temas abordados nas letras das músicas escolhidas, destacando semelhanças e diferenças.

Adota-se uma metodologia hermenêutica. Isso implica em uma abordagem interpretativa, focada na compreensão das letras das músicas não apenas como expressões artísticas, mas como reflexos de aspectos culturais, sociais e históricos. A análise das letras das canções da cantora Lorde à luz das reflexões de Walter Benjamin oferece uma oportunidade de explorar a intersecção entre a cultura contemporânea e as ideias filosóficas do pensador alemão. Estas músicas apresentam um panorama multifacetado de temas que ecoam não apenas aspectos individuais e emocionais, mas também elementos socioculturais característicos da era moderna. Ao aplicar as lentes benjaminianas, busca-se compreender como as letras dessas canções capturam nuances da vida urbana, da cultura de massa, da identidade e da busca por autenticidade, possivelmente revelando reflexos das preocupações e dinâmicas sociais presentes na sociedade contemporânea, à luz das perspectivas de Benjamin sobre a modernidade e a cultura.

Em um primeiro momento irá se discutir sobre a melancolia, buscando entender a visão de Walter Benjamin sobre a mesma. Após a discussão seguirá para

explorar a vida urbana e as classes sociais. Esta segunda parte ajudará a compreender como existe uma melancolia dentro da cidade atrelada a falta de acesso de uma parte da população. Por fim, o último tópico será para ver como a cantora Lorde explorou a cidade e suas facetas em suas letras.

1 A melancolia

A visão de Benjamin sobre a melancolia difere da perspectiva de Freud em termos de abordagem e ênfase. Enquanto Freud estabelece uma distinção clara entre luto e melancolia, Benjamin desafia essa demarcação fixa ao abordar a perda e o afeto de uma maneira mais ampla e indireta. Embora não critique explicitamente os textos de Freud, Benjamin alude a eles de maneira diferente, destacando uma relação indireta, uma "constelação" ou "intertextualidade", em contraste com uma abordagem confrontativa (FERBER, 2006).

Para Benjamin, a afinidade com Freud não está nas interações diretas com suas teorias, mas sim na preocupação compartilhada com o significado da "melancolia" e no desejo de desvendá-la. Ele demonstra esse interesse ao se referir à "luta pela apresentação de ideias" no prólogo de seu livro sobre o Drama Trágico Alemão. Aqui, Benjamin expressa a ideia de que a filosofia é uma batalha pela representação de palavras que, apesar de limitadas, mantêm sua essência. Nesse contexto, a melancolia se destaca como um conceito que parece à beira do colapso devido à sua história carregada de significados variados, o que a torna atraente para Benjamin (FERBER, 2006).

Freud situa o âmago da melancolia no interior da psique do melancólico. Enquanto no luto é o mundo que se torna empobrecido e vazio, na melancolia é o próprio ego que se percebe nesse estado. Em outras palavras, o olhar do mundo melancólico e a história global se tornam manifestações exteriores de um vazio interno. No entanto, para Benjamin, as fronteiras entre o interior e o exterior, entre a psique individual e o estágio externo da história, não são nitidamente distinguíveis. O melancólico, segundo Benjamin, é aquele que permanece fiel à perda do significado transcendente, sem conscientemente compreender a origem dessa perda: se o objeto esvaziado causou o esvaziamento do sujeito ou se foi o próprio sujeito que esvaziou o objeto inicialmente (TIMOFEEVA, 2016).

Benjamin busca desdobrar e revelar essa "ideia" de melancolia, mergulhando no peso de seus diferentes significados, implicações opostas e associações surpreendentes ao longo do tempo. Para ele, o cerne de sua exploração reside em desvendar essa ideia existente, em vez de criar uma nova, já que vê a filosofia como a batalha pela representação do que já está presente. Essa abordagem de Benjamin contrasta com a de Freud, pois se concentra na investigação aprofundada e na desmontagem das camadas históricas e significativas associadas à melancolia, em vez de definir categoricamente suas fronteiras psicológicas (FERBER, 2006).

Ao ler Benjamin sob a ótica de Lacan, contrariando a linha de argumentação de Benjamin, é o "olhar da melancolia" que esvazia a perspectiva do sujeito sobre o mundo. Esse olhar melancólico não pertence ao sujeito; ele nunca coincide com a intenção do sujeito e sua perspectiva consciente. O vazio que se observa no mundo aparece como um sintoma da tentativa fracassada do sujeito de controlar o seu olhar melancólico (TIMOFEEVA, 2016).

De acordo com Benjamin (1984), em seu livro *Origem do drama barroco alemão*, no contexto moderno, a melancolia é compreendida à luz do comportamento estóico, permeado pela virtude da *apathéia*, o que aproxima o indivíduo melancólico do comportamento do sábio. Isso o imerge na inibição e retraimento, resultantes da percepção de um mundo vazio de significado, numa analogia que estabelecemos entre a realidade da vida e a representação teatral de bonecos. O sujeito melancólico é, portanto, encarado como um estóico contido, um pensador imerso em seu próprio mundo, incapaz de agir no sentido convencional, mas apto a explorar o cerne da atitude filosófica: o constante reflexionar sobre suas mágoas e ideias. Seu autodomínio emerge da perda da capacidade de se envolver no mundo externo, de buscar algo significativo por meio da ação. Ele é senhor de si mesmo, pois é incapaz de se entregar à busca ativa (FIANCO, 2004)

No livro citado no parágrafo anterior, Benjamin explica que a representação do soberano emerge como um retrato conflituoso que simboliza a própria história e encontra-se impregnado pela melancolia. O Barroco, conforme explorado na obra, apresenta o soberano de maneira polarizada, sendo retratado como inteiramente bom ou inteiramente mau, configurando-o como as duas faces de Janus e delineando essa dualidade crucial. Este retrato exemplifica a concepção benjaminiana de que a

coexistência de contrastes é central, desviando-se das noções do racionalismo iluminista e aproximando-se das manifestações paradoxais da soberania, afastando-se do princípio da não-contradição dos pensadores antigos.

A melancolia representa o paradigma do príncipe no contexto do drama barroco. A visão do príncipe na ótica complementar do Barroco, transita entre os dramas do tirano e do mártir, entre a dignidade divinamente concedida para governar e a pequenez inerente à condição humana. Nessa obra de Benjamin, o delírio que envolve a figura do soberano, simbolizando a trajetória histórica, culmina inelutavelmente na catástrofe. O elemento barroco desse cenário se destaca na tensão entre a exigência de grandiosidade imposta pelo poder e a miserável degradação, alimentando as contradições que moldam o príncipe como um ícone histórico, adornado com opulência enquanto se entrega a atos degenerados, resultando em um desfecho carregado de tristeza, delírio, loucura e, por fim, melancolia. Dessas contradições da configuração barroca do príncipe, que representa tanto a história quanto a pré-história da modernidade, emergem elementos como a tristeza, delírio e loucura, culminando na melancolia. O contraste entre a grandiosidade exigida pelo poder e a degradação humana é o cerne desse teatro, resultando em uma representação da história marcada por conflitos e manifestações paradoxais (RIGATTO, 2011).

Compreende-se que o sujeito melancólico é concebido, assim, como um estóico contido, um pensador que, incapaz de agir no sentido convencional, está apto apenas a explorar o âmago da atitude filosófica: o revolvimento das mágoas e o processo de ruminação das ideias. Seu domínio sobre si mesmo advém da perda da capacidade de se expandir para fora de si, de buscar genuinamente algo por meio da ação. Ele é senhor de si mesmo porque é incapaz de se entregar plenamente. Essa visão é fruto das mudanças e revoluções de perspectiva ocasionadas pelo Renascimento no campo cultural, artístico e científico. As ações humanas foram desprovidas de todo valor (FIANCO, 2004).

A melancolia na visão de Benjamin (2005), partindo das teses de Benjamin em "Sobre o conceito de história", não se traduz como genialidade, pessimismo ou apatia, tampouco como uma tensão entre momentos de passividade e ativismo. Ela representa, em essência, o comprometimento e a dedicação a uma tarefa específica,

sustentados por uma profunda desconfiança em relação à realização de seu objetivo final. Aqui, a melancolia denota mais precisamente um sentimento, uma atmosfera ou clima (*Stimmung*) que é a origem e a essência da compreensão de que a reconfiguração da história se tornou difícil, se não improvável. No entanto, esse entendimento não implica passividade.

De acordo com Rangel (2016, p. 128) “para o filósofo alemão, o homem seria, originariamente, uma estrutura radicalmente orientada pelo passado”, a partir desta frase compreende-se que a natureza humana é que esta é fundamentalmente moldada pelo passado. Para Benjamin, os seres humanos não estão apenas influenciados pelo passado, mas são estruturados por ele, ou seja, a essência do homem está intrinsecamente ligada às suas experiências progressas, à história, à cultura e à memória coletiva. Ele enfatiza como o passado não é algo distante ou separado do presente, mas sim algo que permeia e molda profundamente a condição humana. Essa orientação radical pelo passado implica que a compreensão do presente e as projeções para o futuro são indissociáveis das raízes históricas e das vivências passadas.

2 A vida urbana e as classes sociais

Benjamin produziu textos sobre sua cidade natal, Berlim: "Rua de Mão Única" e "Infância em Berlim por Volta de 1900". Escritos entre 1932 e 1933, essas obras revelam uma notável influência de Baudelaire e Proust. Menezes (2013) explica que antes de escrever sobre Berlim, Benjamin havia elaborado uma série de textos, chamados de 'retratos', sobre diversas cidades da Europa, incluindo Nápoles, Moscou, Weimar, Marselha e San Gimignano, onde viveu por um tempo. Nestes escritos memorialísticos, os marcos urbanos entrelaçados aos hábitos do dia a dia servem como pilares fundamentais na construção da narrativa. A representação dos prédios, das ruas e dos bairros encapsula tão profundamente crenças, sonhos e preconceitos que o mapa da narrativa é inicialmente apresentado ao leitor de maneira alegórica, espelhado na estrutura da cidade.

No livro *Rua de mão única*, em *Panorama Imperial*, quando se fala da viagem através da inflação alemã, Benjamin (1987, p. 21) escreve que:

Todas as relações humanas mais próximas são atingidas por uma claridade penetrante, quase insuportável, na qual mal conseguem resistir. Pois, uma vez que, por um lado, o dinheiro está, de modo devastador, no centro de todos os interesses vitais e, por outro, é exatamente este o limite diante do qual quase toda relação humana fracassa, então desaparece, cada vez mais, assim no plano natural como no ético, a confiança irrefletida, o repouso e a saúde.

A partir da citação, compreende-se que a disparidade entre aqueles que possuem dinheiro e os que não têm, dentro do contexto urbano, pode levar a um desdobramento melancólico na vida das pessoas. Nas cidades, acentua-se uma clara divisão entre os estratos sociais, onde o acesso desigual aos recursos financeiros cria uma dinâmica de exclusão e limitação para determinadas comunidades. Aqueles que têm recursos financeiros desfrutam de privilégios, influenciando não apenas seu padrão de vida material, mas também suas interações sociais, acesso a serviços e qualidade de vida. Enquanto isso, os que enfrentam dificuldades financeiras veem-se muitas vezes marginalizados, enfrentando barreiras para alcançar oportunidades iguais, levando a um sentimento de desamparo, falta de perspectiva e exclusão. Essa disparidade marcante no contexto urbano, onde a diferença de condições financeiras afeta profundamente as oportunidades e a qualidade de vida das pessoas, pode gerar um sentimento melancólico, uma sensação de desilusão e falta de esperança diante da dificuldade em superar as barreiras impostas pela desigualdade socioeconômica na cidade.

Benjamin também observou a poesia de Baudelaire e compreendeu que o poeta capturou a essência do vazio existencial na vida urbana, enfocando a falta de substância, o apelo sensorial, os jogos de sorte e a rotina cotidiana dos trabalhadores. As dinâmicas complexas e a intensidade da vida urbana moderna podem, em algumas circunstâncias, imprimir traumas nos habitantes das cidades, resultando em cicatrizes emocionais profundas. No entanto, para Benjamin, é fundamental destacar que a vivência urbana não garante automaticamente a presença constante de experiências traumáticas; ela pode variar significativamente de acordo com cada indivíduo e contexto específico da cidade. Walter Benjamin, por sua vez, distingue o trauma do choque. Ele contesta a noção de que a realidade citadina implique traumas equiparáveis aos vivenciados por veteranos de guerra. Ele ressalta que viver numa metrópole não implica necessariamente estar constantemente sujeito a experiências traumáticas (SILVA, 2012).

Doutora em Psicologia Social (UERJ). Brasileira, residente em Rio de Janeiro - RJ.

E-mail: taistania@gmail.com.

Susan Sontag (1986) destaca que quando Walter Benjamin, categorizado como "un triste" pelos franceses, proferiu a frase sobre a solidão como o único estado apropriado ao homem, ele especificava a solidão experimentada nas vastas metrópoles, onde o indivíduo transita sem rumo, livre para sonhar, observar, refletir e viajar. Nesse cenário multifacetado, paradoxalmente, surge o anonimato como uma das vertentes do ser melancólico, expressando a necessidade de estar só enquanto encara a amargura dessa solidão intrínseca. A autora delinea o perfil desse ser melancólico ao descrever que sua labuta se baseia na imersão, na concentração plena.

A partir disso indaga-se: A vida urbana para as classes menos favorecidas possui um ar melancólico a partir da visão de Walter Benjamin?

Como a metodologia do trabalho é de cunho qualitativo e interpretativo, acaba-se por se desenhar uma interpretação a partir daquele que analisa as letras apresentadas no *corpus*. Logo, partindo dessa perspectiva metodológica, para responder à pergunta colocada é necessário se apresentar como se compreende a cidade.

A cidade é um grande assentamento humano em um espaço geográfico e que possui leis para reger a vida daqueles que a habitam. Monteiro e Klug (2018) explicam que no Brasil, o direito à cidade é estabelecido no Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001), delineado nos artigos 182 e 183 da Constituição Federal de 1988 (CF/1988). No texto das autoras elas apresentam o seguinte trecho da lei: "o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações" (art. 2º, inciso I). A partir disso as referidas autoras demonstram que o direito à cidade é um direito coletivo e abrangente, de natureza indivisível, compartilhado por todos os habitantes presentes e futuros da cidade. Esse direito engloba o acesso, uso e engajamento na construção de cidades justas, inclusivas, democráticas e sustentáveis. A interpretação do direito à cidade deve ser fundamentada na garantia e promoção dos direitos humanos, abrangendo direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais reconhecidos internacionalmente para todos (MONTEIRO; KLUG, 2018).

Mas todos têm esse direito de viver na cidade? É possível que todos os que vivem nela desfrutem das mesmas benesses? A citação a seguir será o ponto de início para a reflexão para refletir a estrutura das cidades:

Nossas cidades vêm sendo erigidas sobre a exclusão e, por isto, sobre a violência. Como se sabe, quem semeia ventos colhe tempestades. A metrópole é temida. De objeto de desejo dos que aspiravam o consumo básico ou o supérfluo, ela tornou - se símbolo da barbárie. Banalizaram-se assassinios, assaltos, abandono ou exploração de crianças. Insidiosamente a dor, o desperdício ou a destruição da vida rotinizaram-se no cotidiano das filas, do trânsito congestionado, da poluição da moradia precária (SZMRECSÁNYI, 1996, p. 2).

Aqui pode-se evocar Ermínia Maricato em sua participação do “Café Filosófico”¹, da TV Cultura (SP), de 16/04/17, com o tema “Melancolia na desigualdade urbana” que explica como a vida nas grandes metrópoles urbanas tem exposto um considerável desencanto e uma crescente solidão. Em vez de serem locais de interação e convívio, as más condições de habitação, os obstáculos à mobilidade e a falta de áreas de recreação parecem estar conduzindo os habitantes a um estado de melancolia coletiva.

A segregação ambiental não apenas representa uma das facetas mais significativas da exclusão social, mas também é uma parte ativa e crucial dela. Além das dificuldades de acesso aos serviços e à infraestrutura urbana, como transporte precário, saneamento deficiente, falta de drenagem, abastecimento limitado, acesso restrito a serviços de saúde, educação e creches, há também menos oportunidades de emprego, especialmente no âmbito formal. Isso resulta em limitações para a profissionalização, exposição aumentada à violência – seja ela marginal ou policial, discriminação racial, de gênero e contra crianças, bem como dificuldades no acesso à justiça oficial e ao lazer. A extensão dessas dificuldades é vasta e abrangente (MARICATO, 1996).

A exclusão social, como explica Maricato (1996) a partir de Pedro Demo, não se restringe a medidas quantitativas, mas pode ser identificada por indicadores como informalidade, irregularidade, ilegalidade, pobreza, baixa escolaridade, ocupações não reconhecidas, raça, gênero, origem e, especialmente, pela falta de cidadania. A privação material é apenas a expressão visível da exclusão política. A caracterização

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MYP3rjbiCAc>. Acesso em 11 de janeiro de 2024.

da pobreza por meio de indicadores puramente materiais oculta o âmago político da pobreza, o que se denomina de 'pobreza política'. Ser pobre não se restringe à ausência de bens, mas, primordialmente, à impossibilidade de adquiri-los, apontando para uma questão essencialmente ligada ao ser, mais do que ao ter.

A exclusão social está atrelada com segregação espacial e com as disparidades no contexto urbano, visto que a exclusão social, a segregação espacial e as disparidades no contexto urbano estão interligadas e são fenômenos complexos que impactam profundamente a vida nas cidades. A exclusão social refere-se à marginalização de grupos ou indivíduos da participação plena na sociedade, privando-os de acesso a recursos, oportunidades e direitos fundamentais. Esta exclusão muitas vezes se manifesta de forma mais evidente em áreas urbanas, onde certos grupos enfrentam discriminação, pobreza, falta de acesso a serviços básicos, educação de qualidade, emprego digno e moradia adequada.

A segregação espacial é a tendência de determinados grupos sociais residirem em áreas específicas da cidade, resultando em bairros ou regiões com características socioeconômicas similares. Isso pode intensificar a exclusão social, pois tais áreas frequentemente têm menor acesso a recursos e serviços essenciais, gerando um ciclo de desvantagens para seus residentes. Enquanto as disparidades no contexto urbano referem-se às diferenças significativas em termos de acesso a oportunidades, infraestrutura, serviços e qualidade de vida entre diferentes áreas dentro da cidade.

Esses conceitos possuem conexões entre si e de acordo com Maricato (2015), trata-se de um fenômeno que evidencia as discrepâncias entre as classes sociais na estruturação interna da cidade, gerando áreas com elevada homogeneidade social interna, porém marcadas por intensas disparidades entre si. Maricato propõe que o conceito de segregação espacial ou urbana transcende a mera questão geográfica, sendo um fenômeno humano resultante de variadas interações, não originado por fatores naturais. Ela enfatiza que a segregação urbana é impulsionada por interesses de classe e grupos financeiros, especialmente vinculados ao mercado imobiliário, que, buscando benefícios, influenciam na definição das normas legais de ocupação do solo e estabelecem conexões influentes com setores políticos atuantes no cenário de poder.

Sendo assim, voltando para a pergunta que questionava se a vida urbana tem um ar melancólico para aqueles que não estão na elite, o entendimento é de que a resposta seria sim. Compreende-se, a partir de Walter Benjamin, que de certa forma a melancolia tem conexão com a cidade e com a vida urbana, visto que para o filósofo a cidade pode ser vista como uma atmosfera que permeia não apenas o indivíduo, mas também o ambiente urbano. A cidade, para Benjamin, não era apenas um espaço físico com construções, mas um palco carregado de memórias, camadas históricas e experiências coletivas dos indivíduos que moram nela. A modernidade urbana, com sua constante transformação e perda de tradições, provocava uma sensação melancólica nas pessoas.

Essa melancolia urbana era alimentada pela percepção de que a cidade, apesar de seu movimento incessante, carregava consigo os vestígios do passado, das histórias interrompidas, das lembranças apagadas pela modernização implacável. Benjamin via a melancolia como um estado que se manifestava na tensão entre a experiência individual e a história coletiva que permeava o ambiente urbano.

A vida na cidade, para Benjamin, era marcada por uma sensação de estranhamento, onde a melancolia se misturava às experiências do cotidiano. Essa atmosfera melancólica não se resumia apenas aos sentimentos individuais, mas refletia a condição coletiva, uma espécie de nostalgia pelo passado perdido, pela perda de conexões humanas autênticas em meio à crescente mecanização e alienação na vida urbana moderna. A vida nas cidades pode ser pesada e diferente para aqueles que não pertencem à elite.

Até aqui se realizou um dos objetivos propostos no início do texto, sendo o primeiro de realizar uma análise da abordagem de Walter Benjamin sobre a melancolia na vida urbana, destacando sua perspectiva em relação às cidades, agora no próximo tópico irá focar no segundo e terceiro objetivos que são analisar as letras das canções selecionadas do álbum "Pure Heroine" de Lorde e estabelecer paralelos entre os conceitos de melancolia urbana apresentados por Walter Benjamin e os temas abordados nas letras das músicas escolhidas.

3 Análises

A seguir análises realizadas do corpus, que são as músicas: Team, Buzzcut Season e Royals. As análises das canções "Team", "Buzzcut Season" e "Royals" serão direcionadas para evidenciar a cidade como um espaço melancólico, fundamentando-se nos escritos de Walter Benjamin. Essa abordagem busca explorar as letras das músicas à luz das reflexões benjaminianas sobre a vida urbana, destacando elementos que remetam à experiência melancólica no contexto do dia a dia daqueles que não pertencem à elite. Serão examinadas as nuances das narrativas dessas canções, identificando possíveis conexões com os conceitos benjaminianos, tais como a alienação, a perda de significado e as transformações sociais presentes nas cidades modernas. A análise se propõe a oferecer uma compreensão mais profunda de como as letras das músicas podem refletir e dialogar com as ideias de Walter Benjamin sobre a melancolia na vida urbana.

3.1 Team

O nome da música "Team", pode ser traduzida como "Time". A seguir os versos que serão analisados em seu idioma original:

We live in cities you'll never see on-screen
Not very pretty, but we sure know how to run things
Living in ruins of a palace within my dreams
And you know we're on each other's team

A seguir a tradução:

Vivemos em cidades que você nunca verá nas telas
Não são muito bonitas, mas com certeza sabemos como comandar as coisas
Vivendo nas ruínas de um palácio dentro dos meus sonhos
E você sabe que estamos no mesmo time

Esses versos evocam a realidade de viver em cidades invisíveis, não glamourizadas na mídia ou no entretenimento, mas que, apesar de não ostentarem beleza convencional, abrigam pessoas que sabem se sobressair, comandando suas vidas de maneira assertiva. Pode-se interpretar que também há mais de uma cidade dentro de uma mesma cidade, ou seja, quando se pensa em grandes cidades turísticas como Rio de Janeiro ou Nova Iorque, sempre há um interesse de se mostrar

Doutora em Psicologia Social (UERJ). Brasileira, residente em Rio de Janeiro - RJ.

E-mail: taistania@gmail.com.

o que é mais bonito. Uma pessoa pode viajar para o Rio de Janeiro e achar que a cidade é somente a zona sul daquele espaço geográfico.

Os versos também representam uma referência à dualidade entre a realidade vivida e a imaginação, representada pela imagem das ruínas de um palácio dentro dos sonhos. Isso sugere a existência de uma cidade interior, uma projeção subjetiva que coexiste com a realidade física, carregando consigo uma sensação de desolação, de algo grandioso que está em ruínas, mas ainda é mantido vivo no reino dos sonhos.

Esses versos podem aludir à melancolia urbana, onde a cidade retratada não é esteticamente idealizada, mas é habitada por indivíduos resilientes e adaptáveis. A menção às ruínas e ao palácio nos sonhos pode refletir a dualidade entre a decadência da realidade urbana, talvez marcada pela desigualdade social e pelas limitações estruturais, e a aspiração por algo grandioso, perdido ou idealizado.

A referência ao "mesmo time" sugere uma sensação de comunidade, de compartilhar essa experiência com outros habitantes da cidade invisível, indicando uma possível solidariedade entre aqueles que compartilham o mesmo contexto desafiador e muitas vezes desigual. A ênfase na não estética da cidade e na capacidade de comando das coisas pode apontar para uma narrativa de resiliência e adaptação diante das adversidades, aspectos frequentemente associados à vida urbana marcada pela desigualdade social e pela melancolia de uma realidade nem sempre retratada nas telas.

A seguir a letra em seu idioma original:

I'm kind of over getting told to throw my hands up in the air
So there
So all the cups got broke
Shards beneath our feet
But it wasn't my fault
And everyone's competing
For a love they won't receive
'Cause what this palace wants is release

A seguir a tradução:

Letra traduzida
Já estou meio cansada de ouvir que devo jogar minhas mãos para o alto
Portanto
Então, todos os copos foram quebrados
Cacos sob nossos pés
Mas isso não foi minha culpa
E todos estão competindo

Doutora em Psicologia Social (UERJ). Brasileira, residente em Rio de Janeiro - RJ.

E-mail: taistania@gmail.com.

Por um amor que não vão receber
Porque o que esse palácio quer é liberdade

A frase "Já estou meio cansada de ouvir que devo jogar minhas mãos para o alto" parece denotar uma exaustão diante desse estereótipo. Ela sugere uma resistência à associação automática entre pobreza e criminalidade, talvez expressando a indignação diante de um estigma que recai sobre certos grupos sociais. É possível inferir uma crítica à maneira como a sociedade estigmatiza ou julga pessoas com base em sua condição socioeconômica, pressupondo que sejam mais propensas à criminalidade apenas por sua situação financeira.

A referência a "todos os copos quebrados" e "cacos sob nossos pés" pode representar a vida urbana caótica e desgastante. Essa imagem de desordem pode simbolizar os desafios, as dificuldades e as rupturas nas relações pessoais e sociais dentro de um contexto urbano. A vida na cidade muitas vezes traz consigo um senso de agitação, competitividade e fragmentação, refletido na metáfora dos "copos quebrados".

No contexto dos versos analisados, a frase "Porque o que esse palácio quer é liberdade" pode ser interpretada como uma metáfora sobre a busca por autonomia e liberdade individual. Ao se referir ao "palácio", podemos entender essa entidade como uma representação simbólica de uma pessoa ou entidade que busca a liberdade de movimento, o desejo de transitar pelas ruas ou espaços públicos.

3.2 Buzzcut Season

O nome da música "Buzzcut Season", pode ser traduzida como "Temporada de Cabelo Raspado". A seguir os versos que serão analisados em seu idioma original:

We ride the bus with the knees pulled in
People should see how we're living
(We ride the bus with the knees pulled in)
Shut my eyes to the song that plays
Sometimes, this has a hot sweet taste

A seguir a tradução:

Nós andamos de ônibus com os joelhos dobrados
As pessoas deveriam ver o jeito que estamos vivendo
(Nós andamos de ônibus com os joelhos dobrados)

Doutora em Psicologia Social (UERJ). Brasileira, residente em Rio de Janeiro - RJ.
E-mail: taistania@gmail.com.

Fecho meus olhos para a música que toca
Às vezes, isso tem um sabor picante adocicado

Estes versos da música Buzzcut Season capturam a experiência cotidiana da classe trabalhadora que enfrenta longas jornadas de deslocamento em ônibus, destacando as dificuldades e desconfortos associados a essa realidade. A imagem de "andar de ônibus com os joelhos dobrados" ressalta a condição precária e exaustiva dessas viagens, onde o espaço limitado e lotado do transporte público se torna uma representação das adversidades que esses trabalhadores enfrentam diariamente.

O convite feito no verso "as pessoas deveriam ver o jeito que estamos vivendo" sugere uma tentativa de chamar a atenção para as condições de vida desses indivíduos, destacando a dura realidade que enfrentam em sua rotina. O verso parece expressar um desejo de reconhecimento das dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora, muitas vezes invisível ou negligenciada na sociedade.

O fechamento dos olhos para a música que toca, que possui um "sabor picante adocicado", pode ser interpretado como uma tentativa de escapismo ou de lidar com a realidade difícil do transporte público. Pode simbolizar uma forma de lidar com o estresse e as dificuldades do cotidiano, encontrando pequenos momentos de prazer ou alívio mesmo em meio a condições desfavoráveis.

Nesses versos é possível ver um retrato das lutas diárias da classe trabalhadora, mostrando a importância de reconhecer as adversidades enfrentadas por esses indivíduos em seu dia a dia, especialmente no que se refere aos desafios de deslocamento e às condições precárias nos transportes públicos.

Pode-se evocar aqui também pensamento residual de Benjamin. Pontes (2016) explica que esse pensamento residual emerge a partir de uma perspectiva historicamente materialista, focalizando-se nas narrativas de experiências em um contínuo devir e em "um passado carregado de ágoras". A concepção de "residual" reflete a sobrevivência do passado não apenas como uma entidade isolada, mas principalmente como uma parte intrínseca do presente. Essa linha de pensamento se delineia e se entrelaça através dos resíduos e ruínas que se contrapõem à historiografia progressista e ao historicismo, ambos guiados pelas limitações de um tempo calculado de maneira cronologicamente homogênea e linear. Ao subverter a

lógica convencional do tempo e seus usos, o pensamento residual de Benjamin destaca o caráter descontínuo e transitório da história.

O trecho da música analisado neste item sugere uma relação com o pensamento residual de Walter Benjamin, especialmente no que diz respeito à experiência urbana. O ato de "andar de ônibus com os joelhos dobrados" pode evocar uma experiência cotidiana que carrega em si as marcas do passado e sua sobrevivência no presente. O uso do transporte público, muitas vezes precário e desconfortável, pode ser considerado um resíduo das condições de vida nas cidades contemporâneas.

3.3 Royals

O nome da música "Royals", pode ser traduzida como "Realeza". A seguir os versos que serão analisados em seu idioma original:

I've never seen a diamond in the flesh
I cut my teeth on wedding rings in the movies
And I'm not proud of my address
In the torn up town
No post code envy

A seguir a tradução:

Eu nunca vi um diamante de perto
Eu aprendi cedo sobre anéis de casamento nos filmes
E não me orgulho do meu endereço
No subúrbio destruído
Nenhum CEP causa inveja

Nos versos "Eu nunca vi um diamante de perto", a referência a nunca ter visto um diamante de perto pode indicar a falta de acesso ou proximidade com objetos de luxo, que muitas vezes são associados a status e riqueza. Essa falta de proximidade pode ser uma expressão da realidade econômica ou social do eu lírico.

Os versos "E não me orgulho do meu endereço/ No subúrbio destruído/ Nenhum CEP causa inveja" sugerem uma reflexão sobre a relação entre identidade e espaço urbano. A expressão "subúrbio destruído" evoca um ambiente marcado por desolação e deterioração, rompendo com a narrativa tradicionalmente enaltecida sobre determinados locais. A frase "Nenhum CEP causa inveja" acentua a ausência

de status associado ao endereço, desafiando a noção convencional de que o local de residência deve ser motivo de orgulho.

A partir da perspectiva de Walter Benjamin, conhecido por sua análise crítica da modernidade e das transformações urbanas, podemos interpretar esses versos como uma expressão de desencanto em relação à cidade. A melancolia, nesse contexto, manifesta-se na desilusão perante um ambiente que, ao invés de oferecer encanto e pertencimento, apresenta-se como um subúrbio deteriorado. Pode-se inferir que o eu lírico vive em lugar do subúrbio distante dos olhos do governo, pois este local está destruído e ainda assim vivem pessoas lá.

A referência ao CEP que não causa inveja sugere uma crítica à desigualdade social e à estigmatização de certas áreas urbanas. Benjamin, que abordava temas como a fragmentação da cidade e a perda de autenticidade nas experiências urbanas, principalmente “pelo choque multiplicado de impressões sensoriais” (LIMA; MAGALHÃES, 2010, p. 153). Poderia identificar nesses versos uma resistência à construção social que valoriza alguns espaços em detrimento de outros.

Observe os seguintes versos originais:

And we'll never be royals (royals)
It don't run in our blood
That kind of lux just ain't for us

A seguir a tradução:

E nós nunca seremos da realeza (realeza)
Isso não corre em nosso sangue
Esse tipo de luxo não é para nós

Os versos "E nós nunca seremos da realeza/ Isso não corre em nosso sangue/ Esse tipo de luxo não é para nós" transmitem uma perspectiva que aborda a inacessibilidade da realeza e do luxo para determinadas pessoas. A negação explícita de pertencimento à realeza sugere uma consciência das barreiras sociais e estruturas de poder que impedem a ascensão a determinados privilégios. A melancolia aqui se manifesta na consciência da impossibilidade de alcançar um status social elevado, bem como na reflexão sobre as estruturas de poder que perpetuam tais desigualdades.

CONCLUSÃO

Ao longo desta discussão, exploramos diversos temas, desde a perspectiva de Walter Benjamin sobre a melancolia na vida urbana até análises específicas de versos de músicas que abordam a desigualdade social, a experiência cidadina e a busca por autenticidade.

Os versos de músicas analisados refletem, de maneira contundente, as dinâmicas de exclusão social, melancolia e aspirações presentes na experiência urbana. A abordagem benjaminiana permite-nos entender essas expressões artísticas como manifestações contemporâneas de uma consciência melancólica, marcada pela busca por significado em meio às complexidades e desafios da vida nas cidades.

Outro ponto discutido ao longo deste artigo foi a relação entre cidade e melancolia, que quando explorada à luz das reflexões de Walter Benjamin, revela-se como uma tapeçaria complexa de experiências humanas. A cidade, muitas vezes palco de contrastes sociais, desigualdades e uma multiplicidade de vivências, emerge como um cenário propício para a melancolia contemporânea. Benjamin, ao focar o resíduo histórico e a não-linearidade temporal, oferece uma abordagem para compreender as camadas de significado que se acumulam nas tramas urbanas. A melancolia, assim entendida, transcende a mera condição psicológica individual, tornando-se um reflexo coletivo das complexidades, aspirações e desafios inerentes à vida na cidade. Nesse contexto, a melancolia não é apenas uma resposta subjetiva, mas um fenômeno intrinsecamente conectado às dinâmicas sociais e urbanas, proporcionando uma chave valiosa para desvendar as nuances da experiência urbana contemporânea.

As reflexões e análises aqui empreendidas destacam a relevância contínua do pensamento de Walter Benjamin para compreender as intrincadas interações entre sociedade, melancolia e experiência urbana. Sua abordagem oferece uma perspectiva crítica que transcende o tempo, proporcionando insights profundos sobre as estruturas sociais, a busca por autenticidade e as camadas históricas que moldam nossa compreensão do presente.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sergio Paulo Rounaut. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas, volume II. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Assembleia Nacional Constituinte, 1988.
- FERBER, Ilit. Melancholy Philosophy: Freud and Benjamin, **E-rea**, v. 1, n. 1, p. 65-74, 2016.
- FIANCO, Luís Francisco Dias. Walter Benjamin e a Melancolia. 144 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2004.
- LIMA, Francisco Gudiene Gomes de; Magalhães, Suzana Marly da Costa. Modernidade e declínio da experiência em Walter Benjamin. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 32, n. 2, p. 147-155, 2010.
- LORDE. Royals. 2013. Nova Zelândia: Golden Age Studios. **CD Pure Heroine** (3m 10s)
- LORDE. Buzzcut Season. Nova Zelândia: Golden Age Studios 2013. **CD Pure Heroine** (4m 06s)
- LORDE. Team. Nova Zelândia: Golden Age Studios. 2013. **CD Pure Heroine** (3m 13s)
- LOWY, Michael. **Benjamin**: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Trad. Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MENEZES, Marcos Antonio de. Benjamin: olhares sobre o urbano. **ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – João Pessoa, 2003.
- PONTES, Diego. O fragmento enquanto método de apreensão da cidade contemporânea. **Cadernos NAUI**, v. 5, n. 9, p. 49-51, 2016.

RIGATTO, Benedito Eloi. A Figura Alada de Durer e o Anjo de Klee Sentidos de Melancolia em Walter Benjamin. 126 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.

SILVA, João Gabriel da. O castelo da experiência: Walter Benjamin e a literatura medieval. 168 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

SONTAG, Susan. **Sob o Signo de Saturno**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SZMRECSÁNYI, Maria Irene. Apresentação. In: MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p.2.

MONTEIRO, Roberta; KLUG, Letícia. Direito à Cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. In: COSTA, M. A et al. (Org.). **A nova agenda urbana e o Brasil**: insumos para sua construção e desafios a sua implementação. 1ed. Brasília: IPEA, 2018, v. 1, p. 29-44.

TIMOFEEVA, Oxana. Melancholia and Destruction: Brushing Walter Benjamin's "Angel of History" Against the Grain. **Crisis e critique**, v.3, n. 2, p.20-29, 2016.